



Gaiato

23 DE JUNHO DE 1973

ANO XXX — N.º 764 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

NOTA DA QUINZENA

Desta?... Infelizmente podemos dizer que de quase todas!

Mas estas três cartas vieram de rajada, num momento em que somos assediados por tantos casos extremos, que nos prostra, não o que fazemos, mas o que é impossível fazer.

Aí vão três pequeninos ecos de um grande clamor:

«Aqui estou a pedir-lhe o seu auxílio para uma pobre família orfã de mãe, vivendo com sua avó e com muitas dificuldades.

Essa família tem seis crianças cujas idades estão compreendidas entre os seis anos e os dezasseis, esta a única que trabalha. Infelizmente, o pai deles, deixou-os há três anos e a mãe, com o des-

gosto, adoeceu gravemente e há dias morreu.»

«Há um ano, pouco mais ou menos, o pai desapareceu. Ninguém dá notícias do seu paradeiro. Alguns dizem que fugiu clandestinamente para França... Será? Há uns meses a mãe arranhou trabalho certo numa fábrica onde ganha 45\$00 por dia! Uma miséria! Paga 400\$00 numa miserável casa; o resto, e que pouco!, é para a alimentação.

Mais do que mesmo pela alimentação, o caso urge pelo perigo moral em que se encontram. A razão é a seguinte: a mãe sai às 8 h. para o trabalho que fica longe de casa, e regressa às 20. Ficam 3 crianças sós, à sua vontade e entregues a si próprios... Têm feito as coisas mais extravagantes e perigosas que se pode imaginar. A pequena foge da Escola, não aprende nada, deu na vadiagem, anda pelos pinhais com a garotada, já crescidos e malandros. Leva consigo os irmãos, manda o pequeno roubar ovos às vizinhas, para comerem.

Quando chega a casa a mãe só ouve queixas e insultam-na como se fosse a culpada.

Ela apareceu-me aqui lavada em lágrimas, desorientada, sem saber o que há-de fazer à sua vida. Disse-me que qualquer dia se mata, pois só assim a «Caridade» toma conta dos filhos.»

«Dois casos: O primeiro é dum rapazito que há 3 anos fui encontrar num bairro miserável de barracas, amarrado com uma corda por um pé a uma porta e completamente nu. Vive com o pai e a madrasta e estava assim «para que não fizesse asneiras», disse-me ela nessa altura. Não abandonámos mais esta casa e esta família começou a ser visitada assiduamente. Cheias de esperança começou-se a tratar do assunto

A primeira casa nova para habitação dos Rapazes. E, ao fundo, o refeitório.

do garoto que foi visto por médicos da especialidade unânimes em dizer que ele é anormal, que não tem cura. Mas depois a tal barreira: «Tem que crescer e então talvez se consiga internar em qualquer sitio!».

Entretanto fica estes anos à mercê da madrasta e de todos. Ele não é mau, mas não tem carinhos nenhuns e isso agrava a sua doença. O pequeno tem agora 11 anos. No bairro já tem alcunha de «o Tonto». É triste que isto aconteça, não é?

O outro caso é de uma criança de 13 anos, mas parece que tem 4. A sua doença foi diagnosticada: «Cegueira, distrofia neuro-muscular mais acentuada ao nível dos membros inferiores. Atrasado mental».

A mãe morreu há poucos meses e é o pai que toma conta do pequeno. Este homem tem uma pequena taberna e é aí que está o filho dia e noite, atirado como se fosse uma coisa e não um ser humano. Também este caso tem sido tratado com todo o interesse mas sempre a tal barreira: «Não há instalações para estas crianças!».

Ninguém julgue que com este dar à estampa pretendemos ferir sensibilidades. O que nós queríamos era sensibilizar in-

Cont. na SEGUNDA página

Setúbal

Desde Setembro de 1972 que o nosso mestre da serralharia não recebe abono de família. Entretanto, em Dezembro, nasceu-lhe mais uma filha. Nem subsídio de nascimento nem de habitação. O homem põe as mãos à cabeça. São encargos com a casa que construiu. É uma filha a estudar. É a mulher e uma tia doentes e até o seu sistema nervoso anda abalado.

A complicação surgiu com a mudança de Caixa. Até então descontávamos para a Caixa de Setúbal. Mudámos para a dos Empregados da Assistência. Até hoje, 8 de Junho, o Hernâni nada recebeu do que era seu direito.

Por nos apresentarmos ao pagamento das contribuições na Caixa de Setúbal, um dia depois do prazo, a quantia não foi recebida e sujeitámo-nos à multa de 200\$00. Certo! Num officio de 14 de Maio somos informados de que ficamos obrigados ao pagamento da importância de 11\$00, correspondentes ao juro de mora previsto no artigo 116.º do decreto 45 266 de 23 de Setembro de 1963; a fim de evitar que estes serviços se vejam forçados a proceder à remessa da respectiva participação ao Tribunal do Trabalho para cobrança coerciva. Talvez também esteja certo...! E agora uma pergunta? Não poderá o senhor Hernâni exigir também à Caixa o pagamento de todos os juros de mora e a indemnização dos prejuízos que o atraso no pagamento lhe tem causado? Se por lei ele tem o dever de arrancar ao seu suor a contribuição imposta, — qual será o direito correspondente?

Enquanto as costas de certas instituições estiverem assim defendidas e a capa da lei proteger entidades que deviam estar ao serviço do Povo, não damos um passo. O marasmo continua.

CONT. NA TERCEIRA PÁGINA

Malanje

Filhos sem nome...

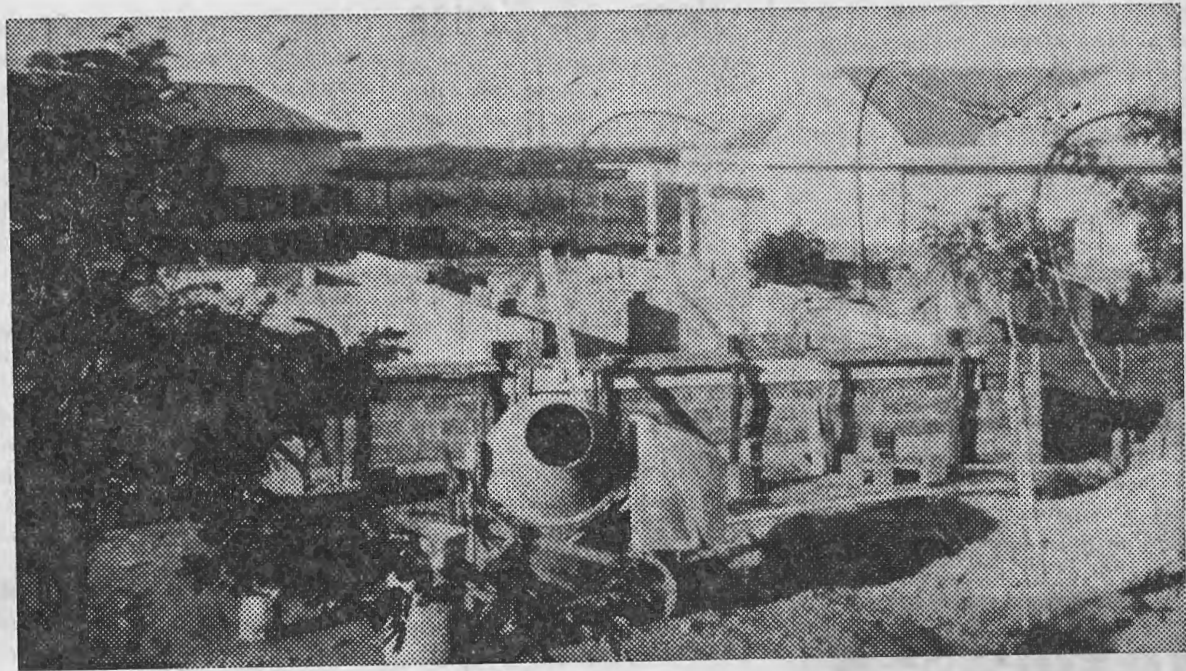
Também há pais que dão o nome e tudo o que têm. É assim um meu amigo do tempo das barragens. Tem três filhos de mãe preta. Dá-lhes tudo e todo o carinho. Quando por lá passo, beijam-me e eu a eles.

Por eles o pai suporta os falsos sorrisos do mundo. Sacrifica a sua vida e comodidade. «É justo que eu pague, pois devo». Sim, justiça.

Até agora as leis da Paróquia implicaram com o Baptismo dos pimpolhos. Qualquer dia não resisto e será mesmo debaixo duma árvore que lhe deito a água. O Senhor lá desenrascará o resto. Só Ele pode dar o resto positivo, pois nas paróquias que negam a estes, dão a outros — meninos-bem, mas filhos de pais causadores de tantas injustiças.

Cont. na QUARTA página

LOURENÇO MARQUES



PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

BALANÇO DAS FESTAS — Caros amigos leitores, cá estou de novo a escrever para o nosso Jornal, desta vez para contar as minhas impressões sobre as nossas Festas.

Começo por dizer que todos nos receberam com muita alegria e simpatia.

Os vossos aplausos foram, sem dúvida, uma manifestação de confiança...

Tinha muito mais a dizer, mas por tudo só tenho a agradecer.

O nosso pequeno grupo das Festas, quando estava prestes a actuar, olhava para a sala e se visse que não estava cheia ou quase, não conseguia fazer a Festa. Mas, graças a Deus e à vossa presença, tivemos só duas casas incompletas.

Não vou agora nomear as que não encheram, porque isto seria fazer crítica e eu não quero criticar ninguém; mas estou convencido que depois desta nossa presença viva e tão autêntica, para o ano teremos de certeza todas as salas cheias.

Chegámos ao fim desta romaria que começou no dia 27 de Abril em Leiria e terminou em dia 3 de Junho em Lagares da Beira. Ao todo 20 sessões, algumas delas seguidas. Isto foi um pouco puxado para o grupo!

Elas já terminaram e estamos satisfeitos por terem terminado bem.

Cronista X

TOJAL

FESTA — A nossa Festa anual, realizada no passado dia 10 de Maio, obteve, à semelhança dos anos anteriores, um êxito enorme. Espero que sejam todos da mesma opinião.

CAMPO — As chuvas que durante bastante tempo foram tão desejadas, chegaram a ser excessivas e, juntamente com o vento, vieram-nos estragar algumas árvores de fruto, como as videiras e as ameixeiras. Há ainda as batatas prestes a serem colhidas. É necessária uma boa produção deste vegetal, pois que tal produto se encontra muito caro no mercado, e para uma Casa que o gasta, em grande quantidade, é demasiado dispendioso comprá-lo.

ESCOLAS — O ano lectivo está prestes a terminar. Entre os vários estudantes desta Casa, há alguns no Curso Comercial, outros na 5.ª e 6.ª classe e 8 na 4.ª classe. Na 6.ª classe vão todos a exame e os da 5.ª à passagem. Entretanto na 4.ª, 6 vão fazer exame de adultos, mais cedo. Os outros dois também irão quando for a sua altura.

Há extrema facilidade em conseguir-se os frutos desejados, desde que

o estudante esteja interessado, mais a mais com a grande ajuda da nova reforma do Ensino. No Curso Comercial já se fez notar este ano a simplificação quanto à maneira de dispensa de exames, bem como de passagens.

Eu falo assim, porque sou um daqueles que beneficia com os novos métodos.

OBRAS — Houve uma pequena interrupção nas novas camaratas. O pessoal das obras está agora ocupado na construção da casa da serra eléctrica, anexa à carpintaria, a qual não foi edificada ao mesmo tempo que a restante oficina.

Na parte eléctrica tem havido grande azáfama. Já está colocado o transformador eléctrico na nova cabina de electricidade. Esta irá satisfazer grandes problemas em toda a Casa, principalmente nas oficinas. Soterrados os cabos eléctricos, aguarda-se a montagem do quadro e de outro material.

PEDIDOS — Dado o grande número de rapazes pequenos existentes nesta Casa, surgiu a ideia de montarmos, num dos nossos jardins, um parque infantil. Como os amigos leitores sabem, há apetrechos indispensáveis para que um parque se possa constituir e satisfazer assim os desejos infantis. São os baloiços, escoregadios, carroceis, etc., o que não possuímos. Gostávamos que nos pudessem oferecer alguns destes elementos, contribuindo assim para um enorme bem das crianças, que é afinal o dito parque. Cá os aguardamos.

Já que o título é pedidos, faço portanto mais outro:

Se por acaso houver em alguma companhia ou empresa, um copiadador menos actual, do qual não façam grande uso, nós agradecemos a sua oferta. Há-os de certeza. O resto é boa vontade.

Certos de que isso acontecerá, desde já o nosso obrigado.

Jorge

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

DONATIVOS — É um correio pequenino, discreto, mas tão delicioso! Olhem para esta carta de Gondomar:

*«Caríssimos vicentinos
Eu e Ela — no dia do aniversário do nosso casamento — depomos nas vossas mãos, mais esta «migalha» para os Pobres que têm a felicidade de contar com o vosso amor.
Muito amigos*

Eu e Ela».

Comunhão dos santos! Não de velas e pau carunchento. Mas de carne e osso — pecadores. Esta carta consubstancia a Graça do *magnam sacramentum*, que não pode fechar-se egoisticamente e exulta com a felicidade dos outros, «os Pobres, que — neste caso — têm a felicidade de contar com o (nosso) amor». Aqui está a beleza, a riqueza!

Mais o costume da ass'nante 17022. E uma oferta muito útil e simpática,

de Maria Tereza, de Monção. Finalmente, 50\$00 de Maria da Glória, do Porto.

Para todos, um muito obrigado em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

CASAMENTOS — O mês de Junho abriu em cheio, com respeito a casamentos.

O primeiro foi o do nosso Santos Silva. A cerimónia foi na igreja da Amadora. Como representantes da Comunidade de Paço de Sousa estiveram: Júlio Mendes, pelos casados; Neoca, pelos mais velhos; e «Meno», pelos mais pequenos. Desejamos ao novo casal as maiores felicidades.

Dias depois, foi o do Manuel Pinto, em segundas núpcias, na capelinha do nosso Calvário. O facto causou admiração em nossa Casa; não por ter casado segunda vez, mas pelo silêncio de que foi rodeado. É que um homem, sendo viúvo e apesar de ter uma filha já crescida, é naturalíssimo casar novamente. Não precisa de esconder-se do mundo exterior como os pares românticos, cujos pais não autorizaram a união — por razões boas ou más — e são obrigados a fugir para longe... Um homem com 40 e poucos anos não pode pensar como um rapaz de 19, 20 anos... Desejamos que o casal Pinto seja feliz o resto da vida.

Por último, foi o nosso José Leitão, que se uniu à Ana Ferreira, no dia 10 de Junho, dia de Camões e Festa do Espírito Santo. A cerimónia foi na Capela da nossa Aldeia. Felicidades para os noivos, são os desejos da Comunidade de Paço de Sousa.

EXCURSÕES — O tempo continua a estar maravilhoso para os nossos visitantes. Nos últimos dias recebemos, ainda, muitas excursões escolares. Folgamos com o interesse dos Professores Primários pela nossa Obra e que desejamos se repercuta nos seus alunos. Um grande viva para os Professores Primários!

ANO LECTIVO — Estamos a chegar ao fim do ano lectivo. Os exames estão à porta!

Os nossos estudantes do segundo ano do Ciclo Preparatório TV já fizeram as provas orais; com aproveitamento regular, segundo nos informaram. Felicidades!

DOENTES — Depois do Henrique, em franca recuperação, apareceram mais dois «apendiculares»: Aníbal e «Varatojo».

«Qual será o próximo?» — é a pergunta em voga na Comunidade.

Tínhamos também o nosso Luís «Tolo» de cama com reumatismo. Digo tínhamos, porque apareceu aí o irmão, de que já falámos em tempos — o «Juiz da Fome» — que resolveu fugir e o Luís que estava um pouco melhor, resolveu seguir as pisadas do irmão...!

LIBERDADE E RESPONSABILIDADE — Com a abertura de um novo café, cá em Paço de Sousa, e

como a malta maior já há muito andava a pedir um pouco mais de liberdade, achámos que era a melhor altura de tornarmos a insistir no caso. A ideia foi aceite. Mas com uma condição: ao mais pequeno deslize voltamos ao princípio. Temos cumprido muito bem.

Esperamos que a malta respeite escrupulosamente a concessão — de

acordo com os sagrados princípios da nossa Obra: Liberdade e Responsabilidade.

AGRADECIMENTO — Queremos agradecer a simpática lembrança da Fapobol: ter-nos enviado sapatinhas de que tanto necessitávamos.

Luís Nunes Marques

Nota da Quinzena

Cont. da PRIMEIRA página

teligências e o sentido da Justiça de cada um para estas gravíssimas omissões das nossas estruturas.

Primeiro a impunidade com que tantos pais abandonam os filhos. Nós guardamos profundas feridas da desatenção das Autoridades; do «legalismo farisaico» em que se movem (ou não movem) na defesa de vítimas inocentes que são as crianças; e também, no acautelar de si mesmos, de adolescentes em crise de desvio, nada surpreendente em suas idades, mas que requerem uma mão verdadeira que os liberte.

É uma aberrante inversão, esta de irresponsabilizar adultos e de respeitar a adolescentes uma liberdade de que eles ainda não são capazes.

Raramente as Polícias deixam de encontrar aqueles que querem mesmo encontrar. Porque se não sabe, então, de tantos pais evadidos da sua paternidade, que, por Lei Natural, é uma cadeia muito mais vinculante do que a prisão para qualquer preso?!

Não falamos de cor. Escrevemos com o coração transido, por não podermos, com toda

a nossa paixão, sarar feridas fundas no coração dos nossos Rapazes, abertas por um pai que desapareceu..., por uma mãe que morreu ou desesperou..., por uma irmandade que se dispersou e se vai perdendo entre si... Se alguns reagem saudavelmente e tomam na sua mão os valores substitutivos do presente, para com eles preparam um futuro melhor — outros não são capazes de esquecer um passado cruel que os persegue como um fantasma.

Nós comungamos todos os dias destes dramas — e até esquecemos que tivemos um pai e uma mãe esplêndidos, um lar que nos bafejou de pequeninos; e quase só sentimos na nossa carne o espinho de tantas injustiças.

x x x

Do outro problema, dos deficientes mentais, há estatísticas que permitem definir a percentagem deles na população do País. Parece que são ninguém — de praticamente nada que para eles há!

Quando subirá ao plano das prioridades, esta guerra justa que é perverso aceitar perder?!



MALANGE

O Tavares e a esposa — no dia do seu casamento.

POBRES

Ele é um homem idoso. Gasto pelas duras lides campestres. E activado pela típica malga de caldo com «adubo» (banha de porco) que, no meio rural, ainda é o alimento básico dos mais pobres, no alvorecer da sociedade da abundância!

Vive só. E tem poucos parentes.

(A solidão, o abandono — imposto ou não — são problemas da velhice. Da época. Já se revelam, com base em dados concretos e até mesmo em estudos cientificamente elaborados.

O caso não deixa de ser agudo nas zonas rurais; talvez sem o impacto doutras questões... Tanto, que não seria ousado afirmar ser a terceira idade agora, — e apesar de tudo — a que mais pesa na acção directa do movimento vicentino, em nosso País.)

Continuemos.

Ao ser cantado o rebugado da reforma — pelo magro quantitativo seria mais lógico e delicado o nome de subsídio — em benefício dos septuagenários que serviram, ou servem, a Lavoura — tantos anos votados ao ostracismo! — encarámos o nosso amigo muito contente, sem dar vivas. Sorriso aberto como o duma criança!

Aplanámos caminho. E foi ele, pelo seu pé, como cidadão livre, mexer os papeis. Foi ele, só. Já recebeu as primeiras ma-

quias da reforma. Deram para tapar furos. E são sempre tantos, nas casas de quem precisa!...

Há muito que habita uma casa arrendada, sem o mínimo de condições. Não nos surpreende... A crise de habitação do Pobre, no meio rural, é o primeiro degrau da escalada até ao meio urbano. E, como não podia deixar de ser, o aluguer acompanha a inflação geral... Que dirão as estatísticas? Segredo dos deuses.

A história do Património dos Pobres — de 1951 aos nossos dias — é muito significativa... E não pode ser caso omisso a especialistas de problemas sociais, específicos destas zonas.

Ora bem. Constava, na paróquia, que ficaria vaga uma moradia do Património dos Pobres. A incerteza arrastou-se. O nosso amigo, porém, como os Reis Magos, não perdeu a sua estrela! Em encontros, marcados ou fortuitos, com o vicentino, era certo e sabido: «Quando é que mudo?! Estou morto por sair daqui!...».

Não há dúvida, só um anormal se daria, conscientemente, na imundície, no barraco, na montureira.

Os dias passaram, como meteoritos. Abrem-se clareiras. O homem não larga a estrela da esperança!

E surgiu a hora. O vicentino abre a porta, que as mãos tré-

mulas do Pobre não conseguiram. Cheguei, entretanto, casualmente. Ele estava sentado numa arca. Cingimo-nos ao peito. E expandiu o seu bem.

A nova moradia, porém, em vinte anos de serviço sofreu desgaste. Precisa de remendos.

Só na próxima semana haverá quem repare o soalho! É preciso cimentar a cozinha, por necessidade higiénica. Será oportunamente...

A sala precisava de caiação. Falámos ao vizinho; um herói ocupado a levantar a própria casa, com ajuda amiga, nas horas livres; a construir uma obra tão expressiva como qualquer pirâmide do Egipto. Um bom vizinho que matou, muitas vezes, a fome ao ancião. Disse logo que sim. Arranjámos cal e o resto. A sala da moradia do Património dos Pobres desde domingo que está branca como a neve. Rica oração dominical!

É preciso ajeitar os exteriores. «Vou pôr aqui um jardimzito», planeia o novo ocupante. «Ali, arrumo o esterco e acolá ponho a meda de lenha». E mais. Já fez parte da empreitada, com mãos trémulas — rejuvenescidas pela mudança, que não tarda. Mãos que louvam o Céu com virilidade: «Graças a Deus já cá estou!».

Júlio Mendes

Cont. da PRIMEIRA página

x x x

De passagem por Setúbal o novo Cardeal Patriarca de Lisboa veio à Casa do Gaiato. Não se fez anunciar, nem avisou. Apareceu de surpresa. Eu não estava. Os Rapazes receberam-no. Deu uma volta pela Casa. Conversou com os Rapazes e estava para se retirar quando eu cheguei.

Fiquei extraordinariamente feliz. Algo de novo e de muito belo sopra na Igreja de hoje. Um Bispo que aparece com o á-vontade de um pai na Casa dos filhos ainda os mais pobres.

Padre Acílio



Não lhes manda lavar nem varrer a casa, mas quer encontrá-los como eles são para os conhecer melhor e amar mais. Venha sempre que puder, Senhor Patriarca e faça assim em todas as Igrejas.

Vistas de Dentro

● Ontem o domingo foi agitado.

Vá, que os grilos este ano não deram grandes azares! De ninhos, já houve duas pequenas pegadas. Na fruta foi Armelino o estreante. Armelino é o mais novinho de todos, o nosso «Bébé», que agora começa a sair cá pra fora... e a sair-se. Foram duas peras e um pésego, tão bebés como ele.

Do «Ciganito II» não ouvi que tivesse andado por aí a pedir comer aos Senhores, como costuma fazer em dias de visitantes. Hoje portou-se até em grande nível no «tribunal» que houve de ser feito — e recebeu merecidamente uma mancha de caramelos.

Mas com o seu homónimo «Ciganito I» é que a coisa já não correu tão bem.

Nem com ele, nem com o Paulinho e o «Lisboeta» e o «Tonicha» e o «Batalha».

Que se haviam eles de lembrar?... De um passeio clandestino! Mas o pior foi que faltaram ao respeito a uma Senhora idosa e doente, nossa vizinha, exasperando a pobre. Pois foram lá hoje pedir desculpa em «procissão de lázaros», gemendo e chorando depois de uma aquecedela conveniente.

Espera-se que não tornem.

● Mas não foram só estes os passeantes. «Alijó», «Marmelo» e «Botas», também «precisaram de uma chave para dar de comer a um gato», o gato da «rouparia nova» como aqui chamam à lavandaria — e distraíram-se só um bocadinho e foram dar ao lugar de Cadeade, que deve distar bem um qui-

lómetro daqui. Vai-se a saber como foi, porque foi — e respondem «Marmelo» e «Botas» que o «Alijó» é que disse para irem e elas foram...

Ora os dois respondentes até já têm bigodito a despontar. «Alijó» é mais novo e não o tinha, por cabecilha. Mas já que os outros, em vez de pela sua, se regularam pela má-cabeça do «Alijó», pois o serviram servilmente durante o recreio do almoço, passeando-o às cavaleiras em volta da Casa-Mãe.

● Ontem foi dia de venda. «João Ratão» apareceu há momentos com três moedas que «se esquecera de entregar ao Xavier», — o Chefe do Lar do Porto e responsável pela venda do jornal.

— Ó João, mas tu esqueceste-te mesmo?

João ficou atrapalhado, com os olhos a piscar, como é costume — e eu percebi muito bem que a consciência, desperta, talvez, pelo «tribunal» de pouco antes, lhe estava a morder.

Ora muito certo, «João Ratão»! É sempre tempo para emendar um mau passo!

TRANSPORTADO NOS AVIÕES

DA T. A. P. PARA ANGOLA E

MOÇAMBIQUE



Página 3

23/6/73

Lar Operário de Lamego

cartas de recomendação. Levou 50\$00.

x x x

Os nossos dois rapazes que adquiriram os aparelhos ortopédicos já têm as contas em dia com o Hospital. Um aprende a sapateiro e estamos a tentar que o outro aprenda a alfaiate. Depois teremos que pensar numa máquina de costura que não seja preciso tocar com os pés.

x x x

Falou connosco uma mãe com vários filhinhos e o marido na cadeia. Um dos filhos é deficiente mental e quer saber como é possível interná-lo. Não lhe podemos valer. São estes os casos mais dolorosos que nos aparecem porque encontramos sempre fechadas as portas a estas crianças. Agora que tantos Sanatórios deixaram de ser utilizados, não poderiam ser adaptados para este fim? Quem nos diz como atender aquela Mãe que não pode ganhar o pão de cada dia por causa do embaraço que lhe

causa o filho doente mental? E quando deixar de ser criança e a mãe vier a faltar-lhe, o que será daquele ser humano?

x x x

Um rapaz com dez anos e que não está na Casa do Gaiato, tem necessidade de ir para a praia, mas é pobre. Pediu para ir juntamente com os nossos e foi-lhe dito que sim. Para as viagens também há-de aparecer dinheiro.

x x x

Um casal de velhinhos e impossibilitados de trabalhar e sem família que os possa ajudar e não estando abrangidos por nenhuma lei de Previdência, apesar da publicação de tantos Decretos, pede subsídios para alimentação. Não pagam renda de casa. Foram atendidos e dissemos que voltassem.

x x x

Há mais apontamentos na nossa agenda que ficam para outra vez.

Padre Duarte

Vamos hoje dar conhecimento aos leitores de algumas passagens do nosso diário. Desde a última crónica do Lar de S. Domingos (Lar Operário) encontramos os seguintes apontamentos:

Um pai de família com nove filhos, a trabalhar de serralheiro para os lados da Régua, fala-nos dum filho de 14 anos, que foge ao trabalho, foge ao estudo, foge aos deveres familiares. Quando nos disse para ser recebido na Casa do Gaiato, tivemos de informar que ali, muitas transformações se realizam pelo amor, mas que não é nenhum asilo, nem casa de correcção.

x x x

Uma rapariga casada, doente e com o marido a cumprir o serviço militar, pede ajuda para a renda da casa e subsídios para medicamentos. Dissemos que sim. Já voltou três vezes. Na última vez veio dizer-nos que ia ser novamente hospitalizada e que precisava de 60\$00 para deixar pago o leite do filhinho mais novo. Voltámos a dizer que sim.

x x x

Um senhor com pouco mais de quarenta anos, mas com aparência de velho, vindo dos hospitais do Porto, disse que precisava de ir para a terra e não tinha dinheiro. Mostra papeis a documentar o caso e

Continua em maré alta! Quase todos os dias seguem «Viagens» para o correio, assim como outros títulos da colecção da nossa Editorial: «Pão dos Pobres», «Isto é a Casa do Gaiato», etc.

A correspondência diária queima e queima-nos. É um vulcão! Quem poderá, realmente, ficar insensível à abertura d'alma de tantos leitores? Almas inquietas, vivas, transbordantes; almas que transcendem o efémero, a pequenez deste mundo.

Vamos abrir as epístolas. O monte não diminui, aumenta! E transcrever os recortes mais substanciais. Hinos, mensagens e desabafos. Gente dos quatro quadrantes, de todas as idades e posições sociais...

● AVÓS, PAIS E FILHOS

É salutar, diria formidável, o crescente interesse das famílias — da Família — pelos livros

A reedição do «Viagens»

de Pai Américo. Ai vão algumas presenças a testemunhar, especificamente, esse ar puro, numa época de tanta, melhor, de tão visível poluição.

S. João da Madeira:

«Peço o favor de me enviarem, na volta do correio, dois livros de Pai Américo. Qualquer um deles serve. Sei que «O Barredo» está esgotado.

Sempre que os leio — e me dão tantas lições! — envio-os para os meus netos.

Tenho dois rapazes da minha Catequese que vão no próximo Domingo fazer a Profissão de Fé. E veio ao meu espírito: que lembrança lhes posso oferecer de mais valia de que um livro dos de Pai Américo?

É por isso que me apresso a pedir-lhes que atendam o meu pedido.

Será um guia para eles desse testemunho vivo do Evangelho de Cristo que eu lhes anunciei na Catequese...»

Reboleira — Amadora:

«Venho pedir o favor de me enviarem pelo correio, pela forma que melhor entenderem, o livro «Viagens», de Pai Américo. Muito agradecida, caso fosse possível, que mo enviassem até ao dia... de Junho próximo, pois é a data em que meu Marido faz anos e gostaria de lho oferecer nesse dia. Somos assinantes do vosso Jornal e creio ser desnecessário dizer o quanto o apreciamos...»

Santiago de Rio de Moinhos:

«Recebemos há bastante tempo os livros («Viagens»). Um para mim, outro para minha Mulher. Até achámos bem, pois podíamos lê-lo ao mesmo tempo, sem termos de o tirar um ao outro. Falámos em mandar o dinheiro para a sua liquidação e, certamente, eu pensei: «a minha Mulher manda»; e ela pensou: «o meu Marido certamente já mandou»...

E assim passaram estes meses todos e de pagar nada... Ora, hoje, não sei porquê, lembrei-me de perguntar e eis a razão desta carta e deste cheque — pagar dois livros: um em nome de... e o outro em nome de...»

Lisboa:

«Venho reconhecida agradecer os livros que fez o favor de me enviar.

Como pretendo a colecção completa para os meus dois filhos, vou a pouco e pouco aproveitando as oportunidades que o Senhor Jesus me proporciona.

Agora, por exemplo, recebi 110\$00. Aproveito enviar 100\$00 para mais depressa ir aumentando a colecção.

Se tiver uma oportunidade maior darei logo sinal...»

Setúbal:

«Recebi os livros que me mandaram, pelo que fiquei muito contente. Tenho uma filha de 11 anos que não gostava nada de ler senão coisas da Escola! Agora, todas as noites vai ler o livro «Viagens» de Pai Américo.

Junto 100\$00. Sei que não é muito, mas neste momento não posso mandar mais...»

● O «VIAGENS» NAS BIBLIOTECAS DO ENSINO OFICIAL?

Talvez. É boa nova — com precedentes — recebida pelo ofício n.º 12343, de 23 de Maio p. p., da Direcção-Geral da Educação Permanente:

«Acuso a recepção da obra «Viagens», que nos foi enviada por V. em Fevereiro do corrente ano, e que agradeço. Vai proceder-se à sua leitura, para apurarmos do interesse que poderá ter para as bibliotecas

dependentes desta Direcção-Geral.»

Ofício assinado pelo Director-Geral da Educação Permanente.

Dissemos que a boa nova tem precedentes. É verdade. Em tempos idos... houve um Ministro que tomou a iniciativa de nos requisitar uma batelada de livros de Pai Américo para as bibliotecas escolares. Não importa, agora, pesquisar na colecção de «O Gaiato» para que ramos do Ensino e a alegria exuberante de Pai Américo. O que interessa, isso sim, é que o Leitor e o Director-Geral não adoptem um critério restrito. Levem Pai Américo às bibliotecas do Ensino Primário, do Médio e do Superior. Porém, se nem todas forem dependentes da Direcção-Geral, façam o favor de subir do Campo Grande ao Terreiro do Paço, lembrar o vértice da pirâmide. Obrigado.

Finalmente: que dizer do interesse nacional — sem cores, sem políticas — desta iniciativa A Bem da Nação?

Júlio Mendes

Aqui Lisboa

— Apesar da «escola da rua» deixar as suas marcas, podemos dizer que, em princípio, a linguagem corrente dos Rapazes se caracteriza pelo uso de expressões normais, com um ou outro calão à mistura. O uso de palavrões obscenos, a que os estudiosos dão o nome de coprolalia, é excepção nas nossas Casas, graças a Deus, não só pela integração e sedimentação socio-comunitárias daqueles que vão chegando mas também pela presença discreta e vigilante dos responsáveis, em que incluímos os moços mais velhos e conscientes, mau grado o negativo de algumas pessoas estranhas.

— Temos notado há já bastante tempo, todavia, que a linguagem se vai pervertendo nos mais variados sectores sociais e lugares, e que, não só nas escolas, mas também em outros sectores, o recurso à linguagem coprolalica se vai espalhando, mesmo onde não seria de esperar. Nas ruas, nas repartições, nas lojas, nos transportes, nos barbeiros, nos cafés, etc., abre-se, não com rara frequência, o «dicionário» e saltam como balas os churrilhos de palavrões, com uma naturalidade de pasmar. Progresso dos tempos?! Se assim

é, antes queremos pertencer ao grupo dos botas de elástico e continuar, compreensivos mas intransigentes, no nosso posto de combate. É que o uso de palavrões não nos dignifica em nada, antes avilta.

— Todos sabemos que a linguagem da adolescência e do período logo a seguir, se caracterizou sempre por uma certa necessidade de afirmação de autonomia e desejo de virilidade. Daí uma determinada exuberância, acompanhada muitas vezes por exaltação e automatismo nas palavras e nos gestos. Já não se é criança e quer-se mostrar aquilo que ainda não somos, ou seja, adultos. Nas conversas entre adolescentes e post-adolescentes há, por isso, com frequência, palavras obscenas. E, por assim dizer, o tempo de «aprendizagem» e de uso das palavras imundas, que todos mais ou menos percorremos e que a deficiente ou nula instrução e educação do mundo do sexo favoreceram também. Neste período crítico e, por isso mesmo importante, há que ter muita paciência e procurar mostrar, sobretudo pelo exemplo, que até quando temos necessidade de usar termos mais virulentos, a língua portuguesa é suficientemente rica de vocábulos, que não degradam ou fazem perder a razão ao afirmarmos as nossas convicções ou «certezas». Corrigir, tornar a corrigir, esclarecer e, se necessário, castigar também, sem recurso à violência, eis o caminho a percorrer com perseverança por quem quer educar, apesar de todas as dificuldades.

E que dizer dos que já não são adolescentes e, em particular, dos adultos? Tratar-se-á de situações equivalentes, frequentes nos tímidos, posteriormente à adolescência, com as características atrás assinaladas e alimentadas por preocupações eróticas sujeitas a oposições e a interdições, reflectindo momentaneamente estados de demência com os aspectos notados em doentes mentais, particularmente nos esquizofrénicos. Não é da nossa missão nem da nossa competência dizer se assim é ou não. De qualquer modo, na base da referida «demência» pode facilmente encontrar-se o desvirtuamento dos costumes e o dessoamento moral, que se avolumam a olhos vistos. Loucura, ainda que momentânea, alimentada pela desumanização das gentes, ou retrocesso na idade mental e psicológica à medida que o tempo avança? Parece-nos, porém, que a «chuva» de barbaridades que se ouvem, está a pedir pimenta na língua...! Tão pouco serão os agentes da contestação, que no bom sentido é um bem e uma afirmação do dinamismo inerente à própria vida, a ter razão quando usam expressões obscenas. Os fins não justificam os meios e há muitas e boas causas perdidas por não se utilizarem as vias adequadas. As provocações e às injustiças dever-se-á responder com exemplaridade embora energicamente, evitando a violência que é o uso das obscenidades. Só assim as causas justas irão vencendo e o Mundo, em vez de decadente, será melhor e mais rico.

Padre Luiz



O Bernardo e a viola são a alegria do Calvário.

MALANJE

Cont. da PRIMEIRA página

x x x

Numa sanzala onde costume ir, caiu a capela de adobos e capim. As cabras e as galinhas entraram e a erva cresceu. Todos de volta, como se os destroços fossem borralho em manhã fria...

— Vamos construir em tijolo e chapa? — alvitrei.

— E se falássemos com os nossos irmãos protestantes, que também têm a deles a cair e todos construísemos para todos?

Chamámos e todos: que sim!! Manda-me um tijolo, ou uma chapa, ou um saco de cimento — não demores...

Padre Telmo

